

III

ROMA E A HUMANIDADE

Meus caros amigos, alguns de vós, que aqui vos achais, possuís dedicação e amor á causa da luz e da verdade; é lícito, portanto, procuremos corresponder aos vossos esforços e aspirações de conhecimento, ofertando-vos todas as coisas do espírito, dentro das nossas possibilidades, para que vos sirvam de auxilio na escalada difficil da verdade.

Numerosas são as falanges de sêres que se entregam á difusão das teorias espiritualistas e que operam, na actualidade, o milagre do ressurgimento da philosophia cristã, em sua pureza de antanho. E' que, chegados são os dias das explicações racionais de todos os seculos que tendes atravessado, com os olhos vendados para os dominios da espiritualidade, pelos preconceitos das posições sociais e pelos sentimentos de utilitarismo de varios sistemas religiosos e filosóficos, desvirtuados em suas finalidades, em seus princípios.

Nossos desejos seriam os de que a nossa voz fosse ouvida, veiculando-se a palavra da immortalidade sobre toda a Terra; todavia, não serão feitos em vão os nossos apêlos.

Por constituir tẽma de interesse geral para quantos mourejam nas fainas benditas do conhecimento da ver-

dade, subordinei estas palavras á epígrafe "Roma e a Humanidade", afim de levar-vos a minha pequena parcela de instrução sôbre o catolicismo que, deturpando nos seus objetivos as lições do Evangelho, tornou-se uma organização politica em que preponderam as características materiais, essencialmente mundanas.

Roma em seus primórdios

Fundada em tempos remotissimos, por agrupamentos de homens que experimentavam a necessidade de reciproca defesa e proteção mutua, edificou-se Roma, sobre as lendas de Romulo e Remo, do rapto das Sabinas e outras. Habitada por indivíduos acostumados á rudeza, tornou-se populosa com os reforços de habitantes que constantemente lhe vinham dos nucleos circunvizinhos, tornando-se em breve a cidade que se transformaria na celebre republica, depois imperio, e que tão fortemente predominou sobre os destinos humanos.

Como, porém, não é objeto da nossa palestra o estudo da história universal, sintetizemos, para alcançar o nosso desideratum.

O Cristianismo em suas origens

Edificante é a investigação, o estudo acêrca do Cristianismo nos primeiros tempos de sua história; edificante lembrarmos as apagadas figuras de pescadores humildes, grosseiros e quase analfabetos, a enfrentarem o extraordinario e secular edificio erguido pelos triunfos romanos, objetivando a sua reforma integral.

Afrontando a morte em todos os caminhos, reconheceram, em breve, que inumeros espíritos oprimidos os aguardavam e com êles se transformavam em vexilarios da causa do Divino Mestre.

A história da igreja cristã nos primitivos séculos está cheia de heroismos santificantes e de redentoras abnegações. Nas dez principais perseguições aos cristãos, de Néro a Deocleciano, vemos, pelo testemunho da história, gestos de beleza moral, dignos de monumentos imperecíveis. Foi assim que, contando com a animadversão das autoridades da filosofia em voga na época, os seguidores do Cristo sentiram forte amparo na voz esclarecida de Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes e outras sumidades do tempo. A conversão de Saulo de Tharso, cidadão romano, também influiu poderosamente na difusão do novo ideal e todo o sangue dos martires da fé transformou-se em sementeira benedita de crença e de esperança consoladora.

Os bispos de Roma

Nos primitivos movimentos de propaganda da nova fé, não possuíam nenhuma supremacia os bispos romanos, entre os seus companheiros de episcopado e a igreja era pura e simples, como nos tempos que se seguiram ao regresso do seu divino fundador às regiões da luz. As primeiras reformas surgiram no terceiro século da vossa era, quando Basílio de Cesaréa e Gregório Nazianzeno instituíram o culto dos santos.

Os bispos romanos sempre desejaram exercer injustificável primazia entre os seus co-irmãos; todavia, semelhantes pretensões foram sempre profligadas, destacando-se entre os vultos que as combateram a venerável figura de Agostinho, que se tornára adepto fervoroso da doutrina do Crucificado, á fôrça de ouvir as prédicas de Ambrosio, bispo de Milão, a cujos pés se prosterrou Theodosio Magno, penitenciando-se das crueldades perpetradas ao reprimir a revolta dos tessalonicenses.

Desde o primeiro concílio ecumenico de Nicéia, convocado para condenação do cisma de Ario, continuaram

as reuniões desses parlamentos eclesiásticos, onde eram debatidos todos os problemas que interessavam ao movimento cristão. Datam dessas famosas reuniões as inovações desfiguradoras da beleza simples do Evangelho; ainda aí, contudo, nesses primeiros séculos que sucederam á implantação da doutrina de Jesus, destinada a exercer tão acentuada influencia na legislação de todos os povos, não se conhecia, em absoluto, a hegemonia da igreja de Roma entre as outras congêneres. Somente no principio do seculo VII, a presunção dos prelados romanos encontrou guarida no famigerado imperador Phocas, que outorgou a Bonifacio a primazia injustificavel de bispo universal. Consumada essa medida, que facilitava ao orgulho e ao egoísmo toda sua nociva expansibilidade, têm-se levado a efeito, até hoje, os maiores atentados, que culminaram, em 1870, na declaração da infalibilidade papal.

Inovações e dogmas romanos

A doutrina de Jesus, concentrando-se á força, na cidade dos cesares, aí permaneceu como encarcerada pelo poder humano e, passando por consecutivas reformas, perdeu a simplicidade encantadora das suas origens, transformando-se num edificio de pomposas exterioridades. Após a instituição do culto dos santos, surgiram imediatamente os primeiros ensaios de altares e paramentos para as cerimonias eclesiásticas, medidas aventadas pelos pagãos convertidos, os quais, constantemente, foram adaptando a igreja a todos os sistêmas religiosos do passado. O dogma da trindade é uma adaptação da trimurti da antiguidade oriental, que reunia nas doutrinas do bramanismo os três deuses — Brama, Vichnú e Siva. E' verdade que as coisas inacessiveis ainda á vossa compreensão e que constituem os mistérios celestes, só vos podem ser transmitidas em suas expressões

simbólicas; mas, o catolicismo não pode aproveitar-se desse argumento para impôr-se como única doutrina infalível e soberana. Ele era uma escola religiosa, como qualquer outra que busque nortear os homens para o bem e para Deus, mas que perdeu esse objetivo, pecando constantemente por orgulho dos seus dirigentes, os quais, raras vezes, sabem exemplificar a piedade cristã.

A história do papado é a do desvirtuamento dos princípios do Cristianismo, porque, pouco a pouco, o Evangelho quase desapareceu sob as suas despoticas inovações. Criaram os pontífices o latim nos rituais, o culto das imagens, a canonização, a confissão auricular, a adoração da hóstia, o celibato sacerdotal e, atualmente, noventa por cento das instituições são de origem humaníssima, fóra de quaisquer características divinas.

As pretensões romanas

Perdido o cetro da sua hegemonia na antiguidade, o espírito de supremacia perdurou, entretanto, na grande cidade, outrora teatro de todos os aviltamentos e corruptions da humanidade. Foi dessa ânsia de operar um retrospecto na história que nasceu, provavelmente, o desejo do bispo romano de arvorar-se em chefe do Cristianismo; o que Roma perdera, com o progresso e com a expansão dos povos, reaveria nos domínios das coisas espirituais.

E assim aconteceu.

O Vaticano, porém, não soube senão produzir obras de caráter exclusivamente material, tornando-se potência política e destinada a cair como obra humana. O papa, sedento de poder e autoridade temporais, afogou-se na vaidade, obtendo o que procurava, porquanto tem o seu império na Terra, que ainda não é o reino de Jesus. O seu fastígio, as suas suntuosas basílicas, as suas pomposas solenidades recordam o politeísmo e as dissipações

da sociedade romana e, quando o sumo pontífice se mostra em vossos dias na sedia gestatoria, é o retrato dos consules do antigo senado quando saíam a público, precedidos de litores. O símile é perfeito.

Meu objetivo foi mostrar-vos a inexistencia do sêlo divino nas instituições católicas. Toda a força da igreja, na atualidade, vem da sua organização politica, que busca contemporizar com a ignorância. O milagre que se operou nalguns espíritos de eleição, como o divino inspirado da Umbria, gerou-se da beleza do Evangelho e dos tempos apostólicos, unicamente, porque, entre Jesus e o papa, entre os apóstolos e os clérigos, ha uma distancia imensuravel.

O Vaticano conservará o seu poderio, enquanto puder adaptar-se a todos os costumes políticos das nacionalidades; mas, quando o Evangelho fôr integralmente restabelecido, quando a onda de uma reforma visceral purificar o ambiente das democracias com a luminosa mensagem da fraternidade humana, desaparecerá, não podendo ser absolvido na balança da história, porque ao lado dos poucos bens que espalhou está o pêso esmagador das suas muitas iniquidades.